

2º grau e os de curso de Pedagogia, no 3º grau. Tais cursos não habilitam o profissional para lidar com essa realidade, e por isso, o que prevalece é o tradicionalismo, a repetição de experiências quase sempre mal sucedidas ou inadequadas.

O ambiente de trabalho também não é deixado de lado nas análises. A falta de diálogo entre o corpo docente, a ausência de um projeto pedagógico que dê embasamento e oriente o trabalho educacional, a falta de referencial teórico que possibilite analisar, avaliar e repensar os programas e a prática, acabam interferindo fortemente no ritmo da pré-escola e naquilo que vai sendo incorporado a ela.

No caso da professora pesquisada, fica à mostra que ela, além de não favorecer a brincadeira (apesar de esta não deixar de acontecer), a impede de acontecer. Para a autora, e também na minha opinião, seria muito melhor, para as crianças, para a professora, no dia-dia de todos os envolvidos, se a brincadeira estivesse mais presente e, por consequência, também o prazer. Mas, para que isso ocorra, é preciso rever os objetivos da pré-escola que tão fortemente estão vinculados à preparação das crianças para as séries iniciais, como se a pré-escola fosse apenas um apêndice do 1º grau e não tivesse objetivos em si mesma.

O último capítulo tenta responder à questão que a própria autora se coloca: "é possível brincar?" (p. 108). E é ela mesma quem diz: "a existência do brincar como práxis social infantil é absolutamente contraditória com a função que a escola estabelece para si" (p. 109). Dentro dessa instituição, "encontram-se todos, professora e crianças, emaranhados na teia didática construída. Ela, vítima das circunstâncias, sinalizando socorro para sair da solidão; os alunos, resistindo como podem às estruturas cotidianas" (p. 114).

Em razão desse quadro, não posso discordar da autora:

Pudesse a escola ser diferente!

EDUCAÇÃO FÍSICA: RAÍZES EUROPEIAS E BRASIL

Josimar Daolio*

SOARES, Carmen. *Educação Física: Raízes Europeias e Brasil*, Editora Autores Associados, SP, 1994, 215 pp.

Carmen Soares nos apresenta um belo trabalho, em que se propõe a analisar a Educação Física desde suas raízes europeias no século XVIII, até as primeiras décadas de nosso século no Brasil, passando pelo século XIX, momento em que se configura como uma prática higiênica e eugênica.

Ao tratar do surgimento da Educação Física na Europa no século XVIII, a autora resgata-nos Locke, Rosseau, Leppelletier, Condorcet, Pestalozzi, mostrando como em seus trabalhos já aparecia uma preocupação com o corpo, que se constitui no embrião da Educação Física moderna. A partir daí, temos a sistematização dos principais métodos ginásticos da Europa e os seus principais nomes: a escola alemã, com Basedow, Guts Muths, Jahn e Spiess; a escola sueca, com Ling; e a francesa, com Amoros, Demeny, Tissié, Lagrange e Marey. A conclusão da autora é que os métodos se apresentam diferentes quanto à forma, mas se assemelham quanto ao referencial que os suporta, pautando-se nas ciências naturais.

Um dos méritos da autora é mostrar que o desenvolvimento dos métodos ginásticos não está descolado do quadro político, econômico e científico do século XIX. A partir da Revolução Burguesa, há a consolidação de uma nova relação econômica, e a abordagem científica predominante na época - natural e mecanicista - passa a explicar as diferenças entre os homens não como resultante das novas relações de produção estabelecidas, mas como provenientes

* Professor da Faculdade de Educação Física da UNICAMP

de condições biológicas inatas. Há, segundo a autora, uma “naturalização dos fatos sociais, criando um social biologizado”.

É nesse contexto que tem destaque, a partir da segunda metade do século XIX, a medicina higienista, que passa a orientar as famílias, na tentativa de criar hábitos intelectuais, físicos, morais e sexuais condizentes com a necessidade de manutenção da ordem e desenvolvimento econômico. É o processo chamado pela autora de “aspepsia social”.

Considerando o panorama político e econômico do mundo do século XIX, a hegemonia das ciências naturais, o poder dos médicos e os reflexos desse processo no Brasil, temos o anseio da elite dominante em implantar padrões de civilidade, que implicava na educação da população. Ora, essa elite se respalda no discurso médico, que, por sua vez, lança mão da Educação Física, já estruturada em métodos, para contribuir com o projeto de formação de bons cidadãos. No caso dos homens, desejava-se que fossem bons soldados e bons trabalhadores; no caso das mulheres, que fossem capazes de gerar uma prole saudável.

O que se pretendia era a eugenia da raça brasileira, que implicava numa depuração das características biológicas hereditárias, visando um aperfeiçoamento da natureza humana. Diante de um grande contingente populacional negro, o “embranquecimento” da raça era um dos objetivos deste projeto eugênico, em fins do século XIX. Entre os vários mecanismos utilizados, destaca-se a Educação Física, segundo a autora, “disciplinadora dos corpos e da vontade...apologia da saúde física enquanto responsabilidade individual”.

Para este projeto ser efetivado, teve que ser implementado nas escolas. É aqui que a autora resgata a obra de Fernando de Azevedo para nos mostrar a relação entre médicos e professores de Educação Física, e a forte influência dos primeiros sobre os segundos, no sentido de fazer do exercício físico escolar um hábito gerador de saúde, contribuindo, assim, segundo os ideais da época, para o desenvolvimento da Pátria.

Profundo sem ser prolixo, contundente sem ser pedante. Interessante...e, sobretudo,

relevante. Numa época em que a crítica ao “biologicismo” da Educação Física virou moda, um trabalho como este que Carmen Soares nos apresenta é um tributo à seriedade acadêmica. Conhecendo as raízes históricas da Educação Física, desde o século XVIII na Europa, podemos compreender sua vinculação nas escolas brasileiras de hoje, e, assim, tornar mais claros seu discurso sobre saúde, sua tendência à homogeneização das turmas de alunos, sua intenção em compreender o corpo de forma naturalizada, sua dificuldade em trabalhar com turmas mistas, sua necessidade do aval médico para o desenvolvimento das aulas etc.

Carmen Soares nos alerta, no final de seu livro, para o risco de a Educação Física estar, nos dias de hoje, reproduzindo os mesmos ideais higiênicos e eugênicos, apenas com nova roupagem. É um alerta que estimula a realização de novas pesquisas.

PROFESSORA SIM, TIA NÃO - CARTAS A QUEM OUSA ENSINAR

Raquel Pereira Chainho Gandini*

FREIRE, Paulo. *Professora Sim, Tia não - Cartas a Quem Ousa Ensinar*. Editora Olho d'Água, 1994.

O título deste novo trabalho do professor Paulo Freire é bastante provocativo e categórico: Professora sim, tia não. O fato de ter sido lançado recentemente e já estar na 5ª edição demonstra também que há muito interesse na discussão e esclarecimento dessa condição ambígua que, infelizmente, vem caracterizando a profissão de professor, das séries iniciais da escolarização formal. Diga-se de passagem, denominação “tia” não é utilizada somente para interpelar professoras. Embora este fato, também lamentável, não esteja diretamente

* Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP